

PUBLICAÇÕES SOBRE O PRECONCEITO CONTRA MULHERES E HOMOSSEXUAIS ENTRE 1999-2016, UM LEVANTAMENTO TEÓRICO

Orientadora: MUXFELDT, Ana Maria.¹
ANDREOLI, Djair R.²
OLIVEIRA, Victória C. H.³

RESUMO

O preconceito, segundo Lacerda (2002), tem sido estudado como parte psicológica do sujeito. Neste trabalho, realizamos uma pesquisa exploratória do tipo qualitativa em artigos publicados em indexadores *on-line*, sobre preconceito contra mulheres e homossexuais, entre os anos 1999 e 2016. Este trabalho se justifica por não haver quantidade significativa (principalmente nacionais) científicos que comparam o preconceito entre grupos, como mulheres *versus* homossexuais. Bandeira e Batista (2002) definem o preconceito como uma forma arbitrária de pensar ou agir. Os resultados obtidos foram os de que as mulheres sofreram e ainda sofrem muito preconceito, e têm lutado pelos seus direitos, assim como os homossexuais. E para os dois grupos, essas reivindicações foram essenciais para garantir a inclusão desses grupos na sociedade. Pereira (2011), concluiu que para os homossexuais (independente do sexo), a base religiosa é uma das principais responsáveis pelo surgimento de preconceito, destacando-se dentre elas o cristianismo. Concluímos que o tema preconceito contra esses grupos está bastante comentado, e que isso se deve principalmente a movimentos de luta por igualdade de direitos. Há diferenças entre homossexuais homens e mulheres e como estes vivenciam o preconceito, sendo considerado mais problemático para os homens, devido ao fator social e religioso envolvido.

PALAVRAS-CHAVE: Preconceito, Homossexuais, Mulheres, Psicologia

PUBLICATIONS ABOUT PREJUDICE AGAINST WOMEN AND HOMOSSEXUALS BETWEEN 1999-2016, A TEORICAL REVIEW

ABSTRATC

Prejudice, says Lacerda (2002), have been studied as a psychological part of the individual. In this article, we did an exploratory qualitative research on articles published on *on-line* index, about prejudice against women and/or homosexuals, between years 1999-2016. This work is important because there is not many articles (mainly Brazilians), that compares prejudice between groups, like women *versus* homosexuals. Bandeira e Batista (2002) says that prejudice is an arbitrary way of thinking or acting. The results were that women have had and still have prejudice, and have been fighting for their rights, just like homosexuals. In addition, for the both of them, these claims were essential for guarantee the inclusion of them in the society. Pereira (2011), have concluded that for homosexuals (men of women), the religious base is one of the mainly responsible for prejudice to be, distracting between them Christianity. We concluded that this theme against these groups is very commented, and that is because of social movements of equality and rights. There is differences between men and women homosexuals, being more difficult for men, because of the social factor and religious way involved.

WORD-KEYS: Prejudice, Homosexuals, Women, Psychology

¹Docente no Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. Psicóloga, especialista em Gestão de RH. E-mail:ammuxfeldt@gmail.com

²Acadêmico de Psicologia pelo Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. E-mail:djairourodrigo@gmail.com

³Acadêmica de Psicologia pelo Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. E-mail:victoriaconsalter@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Sendo de grande importância para inúmeras escolas, dentre elas a Psicologia, o tema preconceito tem sido estudado e refletido buscando sua origem e significado social. No presente trabalho, buscamos realizar uma revisão de literatura dos principais trabalhos sobre o assunto.

O preconceito, segundo Lacerda (2002), tem sido estudado como parte psicológica do sujeito. Mas ele também é concebido como construção sócio histórica por diversos autores, dentre eles Cantonné (1994) e Foucault (1984) *apud* Lacerda (2012).

Para o presente trabalho, entendemos a homossexualidade como união amorosa de indivíduos do mesmo sexo, assim como Scardua & Filho (2006). Ela tem sido tema de vários estudos. Os autores apontam que há uma diversidade em como ela é concebida, seja no meio acadêmico ou no senso comum. Explicam ainda, que a homossexualidade contém um conhecimento compartilhado da sociedade sobre práticas entre esses indivíduos e/ou grupo.

Mas não só os homossexuais são vítimas de preconceito, as mulheres os têm sofrido há anos.

O preconceito caracteriza-se como sendo uma forma arbitrária de pensar e de agir, no sentido de que é exercido como uma forma racionalizada de controle social que serve para manter as distâncias e as diferenças sociais entre um sujeito e o outro (BANDEIRA E BATISTA, 2002, p.130). Os estereótipos, os preconceitos e a discriminação contra as mulheres precisam ser analisados, estudados, pensados, repensados, proibidos, vigiados e punidos sob todas as formas, não obstante a diversidade multicultural em que vivemos até mesmo dentro de um país, e, acima de tudo, deve ser analisado o sentido irracional de se pensar que um ser humano possa ser humilhado e desprezado por razões de identidade de gênero (SILVA, 2010, p. 562).

2. PRECONCEITO CONTRA MULHERES

Segundo Silva (2010), durante anos a nossa sociedade construiu um senso comum, um estereótipo relacionado ao sexo feminino, o que foi o primeiro passo para a construção das bases do preconceito e da discriminação. O autor também aponta que a cristalização de muitos dos conceitos de que o direito deveria estar a serviço dos homens, denominados *os mais fortes*, serviram para construir falsas ideias e moldar muitos dos preconceitos contra o sexo feminino.

Concordando com Silva, Bandeira e Batista (2002) apontam que do ponto de vista jurídico, uma sociedade que prega a construção diferenciada e não-plural de seus membros, como signo de

preconceito, que admite o acesso particularizado de alguns, seja aos bens materiais, seja aos bens culturais, que dá valoração positiva à desigualdade substantiva de seus membros está fadada à instauração da violência nas suas variantes materiais e simbólicas. Bandeira e Batista (2002) também lembram que ser mulher implica se identificar com todas as mulheres, mas que mesmo entre as mulheres, há heterogeneidades, como por exemplo: mulheres brancas e não-brancas, analfabetas e letradas, gordas e magras, altas e baixas, ricas e pobres, homossexuais e heterossexuais, etc. Enfim, todas são mulheres e comportam uma identidade historicamente ferida.

Silva (2010) traz o histórico acerca da desigualdade entre homens e mulheres desde os gregos antigos, onde a mulher era um ser inferior na escala metafísica, que dividia os seres humanos, e, por isso, os homens detinham o direito de exercer uma vida pública e muitas mulheres que tentavam reivindicar seus direitos de cidadania, até pouco tempo atrás, acabavam na guilhotina.

Tendo a Revolução Francesa como parte de seu lema a “*égalité*”, Silva (2010) se apoia na ideia de que a igualdade alardeada pela Revolução não se estendia às mulheres, esta era de natureza jurídica e não socioeconômica, foram necessários quase dois séculos para que as normas sociais resultantes da Revolução Francesa conferissem igualdade de direitos entre homens e mulheres, não tendo mais lugar o modelo do sexo único surgido na antiguidade greco-romana.

De acordo com Lasch (1999) *apud* Silva (2010), a história das mulheres pode ser dividida em duas épocas. A partir da década de 60, as mulheres conquistaram grandes avanços no campo do trabalho, da política, da economia e no controle do seu próprio corpo, ensejados pelo movimento feminista. Para concordar com o autor, Birman (2001) *apud* Silva (2010) afirma que do direito de votar, ao de poderem ser educadas, o percurso das mulheres foi marcado por um longo debate, com progressos e retrocessos. A década de 60, diz o autor, e as conseqüentes revoluções sociais e sexuais dela resultantes foram o divisor de águas de um longo processo de mudança cujos desdobramentos e conseqüências nos registros psicológicos, éticos e políticos ainda não se tem condição de prever.

De todos os movimentos sociais surgidos na segunda metade do século XX, o movimento feminista foi um dos que acarretou propostas de mudanças reais no tocante às diferenças entre homens e mulheres (SILVA, 2010, p. 559). Para Giddens (1997) *apud* Silva (2010), o feminismo participa da modernidade de forma reflexiva, procurando assegurar os direitos de igualdade política e econômica e colocando em questão os elementos constitutivos das relações entre homens e mulheres, os quais estão intimamente vinculados aos processos de constituição de identidade.

Scott (1990) *apud* Silva (2010) afirma que a presença das mulheres nas lutas sociais, ancoradas sobretudo na perspectiva de gênero, tem promovido um amplo conjunto de medidas no campo democrático-popular e produzido ações coletivas para a emancipação dos direitos femininos, mostrando que a desigualdade entre homens e mulheres é uma construção social e cultural das sociedades modernas nas quais o destino biológico e anatômico subordinava as mulheres aos desígnios dos homens. Silva (2010) também afirma que o movimento feminista também proporcionou à sociedade moderna a compreensão que as mulheres não mais poderiam ser um grupo oprimido, sendo vítimas e sofrendo as consequências de pertencer a uma sociedade secularmente repressora, preconceituosa e discriminatória.

Para Bandeira e Batista (2002) pensar em preconceito parece indispensável, uma vez que este pode se constituir em uma fonte de violência. As autoras também citam que até pouco tempo, bater em mulheres, negros e homossexuais, por exemplo, era uma prática considerada se não corriqueira, mas despercebida como uma forma de violência na sociedade; mulheres, negros e homossexuais, além de outras tantas ditas ‘minorias’, organizaram-se em movimentos cujo objetivo era a superação dessas situações de desqualificação indenitária e sofrimento existencial impostas pela sociedade ao não reconhecer as diferenças e especificidades.

Bandeira e Batista (2002) *apud* Silva (2010) apresentam uma proposta de que as diversas manifestações de afirmações identitárias, tais como orgulho de ser negro, homossexual, mulher e indígena, entre outras, denunciavam a existência de preconceito, de discriminação e de exclusão nas várias esferas da sociedade. Os movimentos sociais surgiram para denunciar esses modelos discriminatórios, pondo a nu a presença inquietante da violência nas relações sociais desses atores sociais discriminados e vítimas de todo tipo de violência.

A violência contra a mulher viola os direitos humanos e se torna uma bandeira de luta. Esta violência está incrustada no pensamento estereotipado de homens e mulheres de uma sociedade herdeira de pensamentos e crenças esclerosadas, que compreendia a mulher como um ser inferior ao homem, daí, portanto, a violência física, o estupro, os assassinatos, o aborto indesejado, as torturas psicológicas e a mutilação genital, entre tantos outros atos de violência, sem falar na discriminação contra a condição feminina, principalmente quando o baixo nível social, econômico, as origens étnicas e raciais das mulheres vítimas de violência se coadunam com essas condições (DIMENSTEIN, 1996 *apud* SILVA, 2010).

Algumas formas de violência estão encarnadas na conformação do próprio caráter do indivíduo, moldando formas de agir, pensar e sentir, comportar e lidas com o sujeito que está à

nossa volta. Esses modelos de violência serão traduzidos em comportamentos de preconceito para com o nosso semelhante, construindo, assim, o pilar de toda discriminação e violência contra o sujeito contemporâneo (SILVA, 2010, p. 563).

Assim, de acordo com as proposições, a violência de gênero pode ser entendida como uma decantação do preconceito, da discriminação e do sentimento de intolerância pelos quais as mulheres vêm passando nos últimos dois séculos. Compreende-se, pois, que a luta pelos direitos humanos e contra a violência, o preconceito e a discriminação, não só contra as mulheres, mas contra todos aqueles que são vítimas, deve ser encarado como um mal a ser combatido, vigiado, punido e disciplinado (SILVA, 2010).

3. PRECONCEITO CONTRA HOMOSSEXUAIS

A homossexualidade, em um contexto histórico, não foi sempre vista como errada. Greenberg (1982) *apud* Lacerda (2012), Poeschl (2012) explicam que isso veio com o entendimento de pecado trazido pela tradição judaico-cristã. Então, no século XIX, a medicina define práticas homossexuais como doença fisiológica. Apesar de contraditória as opiniões sobre esse tema, Poeschl (2012) aponta que os registros mostram que ela sempre existiu.

A origem do preconceito, e concomitantemente da violência, tem sido tema de estudo. Scorsolini-Comin & Santos (2012) apontam uma possível origem para o preconceito contra homossexuais: o “padrão-ouro” (casal heterossexual com filhos) nas famílias, e a classificação das demais a partir desta, vendo assim famílias homossexuais como inimagináveis e pecaminosas.

A ideia central sobre o tema tem mudado constantemente através dos tempos. Nos anos sessenta, a Associação Americana de Psicologia (APA) afirma que a homossexualidade não é doença. Essa visão mais social, aponta Lacerda (2012), vinculou-se a movimentos sociais que lutam pelo fim do preconceito, surgido em contraposto à parte mais conservadora e menos igualitária da sociedade.

Entretanto, o preconceito contra homossexuais ainda tem estado presente nas mídias e tem sido tema constante de discussões e estudos. Scorsolini-Comin & Santos (2012) explicam que a família brasileira está passando por transformações, mas que estas não são tão revolucionárias como se imagina. Essas revoluções e mudanças podem ser encaradas com naturalidade para alguns, ao mesmo tempo em que podem ser geradoras de grande polêmica em outros grupos, por mexerem com concepções pré-conceituais trazidas em suas histórias de vida.

Para os grupos que encaram essas mudanças como polêmicas, uma das reações mais comuns são atitudes de preconceito. Lacerda (2002) explica que nas últimas décadas, os países ocidentais têm desenvolvido leis e normativas que proíbem o preconceito contra esse grupo, assim como foi feito com o preconceito a negros (Santos, 1999). Seguindo essa linha, o surgimento desse tema e

sua ocupação pela sociedade levou a criação de medidas protetivas para o grupo que começou a sofrer violência.

Mesmo assim, as críticas e violência causam um problema de saúde pública. Bullough (1974) *apud* Lacerda (2012) aponta que as novas concepções, algumas vezes, reforçam concepções antigas e moralistas, como as que dizem que homossexualidade não é “coisa de deus”, ideias de que homossexuais não podem se reproduzir, por isso seria errado, dentre outras. A violência, então, possui base teoricamente nessas concepções.

Tratando do comportamento humano, a Psicologia tem papel fundamental na extinção do preconceito contra esse grupo. Lacerda (2012), explica que no Brasil, muitos psicólogos ainda tratam a homossexualidade como desvio, ou algo a ser superado – mesmo tendo o Conselho Federal de Psicologia, em 1999, promulgado a resolução 001, ressaltando que a homossexualidade não é doença, nem distúrbio, nem perversão, e proibindo a chamada de “cura gay”, um movimento que pretendia retirar a homossexualidade das pessoas que assim se descreviam. Corroborando esta opinião, Scardua & Filho (2006) dizem que os estudos prevalentes ainda são sobre atitudes e preconceitos, havendo poucos que tratem a homossexualidade de forma afirmativa, autônoma e positiva, para assim entender como se origina, qual seu caminho, pressupostos, etc.

Engana-se quem pensa que a homossexualidade é simples e sistemática. Scardua & Filho (2006) ressaltam que há diversas formas de se entender/vivenciar a homossexualidade, além de diversos tipos de comportamentos homoeróticos, em que muitos não ficam “claros” para a sociedade. Assim, o pensamento de que homossexuais tem determinados comportamentos típicos só demonstra mais uma forma de discriminação e preconceito contra estes. Verifica-se então que, buscar a origem do preconceito seria uma maneira de extingui-lo. Scardua & Filho (2006), Scorsolini-Comin & Santos (2012) explicam que parte do preconceito tem origem no fato histórico onde práticas homossexuais são vividas apenas no espaço privado, diminuindo seu reconhecimento social. Os autores ressaltam que apesar do aumento de lugares com “tolerância homossexual”, isso não alterou as concepções negativas sobre o assunto para a sociedade.

Para estudar e entender o preconceito, explica Pereira (2011) não podemos levar em conta as crenças como homossexualidade relacionada com “tentações demoníacas”, ou “fraqueza moral”, pois isso seria um pressuposto que limitaria a pesquisa. Buscando uma explicação, Scardua & Filho (2006) encontraram como etiologia da homossexualidade fatores como relações homossexuais precoces, fatores genéticos, problemas com o pai, doença mental e questões referentes a abuso sexual, entendemos que esse tema ainda precisa ser muito estudado, e que estes são apenas os primeiros registros.

Alguns grupos parecem estar pré-dispostos a vivenciar o preconceito, em seu estudo com um grupo de seminaristas, Pereira e cols. (2011), não encontrou um grupo de não-preconceituoso. O que seria influenciado pelas representações sociais vividas por estes. Em seu estudo, Scardua & Filho (2006) obtiveram que os homens tratam a homossexualidade como problema mais do que as mulheres homossexuais. As mulheres ainda ressaltaram influencias sociais como possíveis causas, ao contrário dos homens, que explicavam a homossexualidade como não-intencional. Outro fator

interessante notado pelos autores foi uma rígida disciplinarização dos heterossexuais em sempre tentar controlar seus comportamentos, para não “mudarem” para o grupo dos homossexuais.

Graças a essas representações sociais, Poeschl (2012) aponta que a população homossexual tem uma representação mental de como a maioria heterossexual se posiciona frente a eles. E isso, segundo o autor, influenciaria na decisão dos homossexuais em revelar ou não sua sexualidade para o primeiro grupo. E essa decisão de revelar-se ou não, seria um difícil dilema para eles. Quanto a isso, o autor explica que os não-assumidos (homossexuais que não disseram sua orientação sexual a ninguém) tem maior probabilidade de experimentar sentimentos negativos, mesmo sendo menos discriminados do que os homossexuais assumidos.

3. METODOLOGIA

Para o presente trabalho foi realizada um levantamento teórico de trabalhos publicados entre os anos de 1999 até 2016, com pesquisas referentes ao tema de preconceito contra mulheres e/ou homossexuais.

Essa pesquisa é do tipo exploratória, onde foram escolhidos artigos publicados em indexadores *on-line* pelo motivo de que esses artigos são mais recentes e objetivos, o que enfoca nos resultados das pesquisas. Esses artigos foram escolhidos por serem de mais fácil acesso tanto à comunidade científica quanto as pessoas em geral, de maneira que podem servir de referência para diversos estudos. O foco nos resultados desse tipo de artigo eleva a objetividade das pesquisas deste campo do conhecimento, bem como sua ligação ou não com a literatura utilizada.

Após selecionadas as publicações mais relevantes, foi feito uma análise de seus pontos principais, pontos contraditórios ou coincidentes, e possíveis mudanças no decorrer destes anos, com objetivo de criar um resumo teórico qualitativo dessas obras para condensação de ideias e conteúdo.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Como cita Bullough (1974) *apud* Lacerda (2012), o preconceito é uma forma racionalizada de controle social, e este está presente contra as minorias sociais, sendo duas dessas que analisamos nesse trabalho, as mulheres e homossexuais.

O que pudemos analisar a partir dos textos é que as mulheres sofreram, e ainda sofrem, muito preconceito, são vítimas desde um longo período histórico e estas, como muitos da minoria

social, vem lutando e reivindicando pelos seus direitos. Graças a essas reivindicações, sendo por grande parte do movimento feminista, que as mulheres hoje em dia podem ter lugar à sociedade.

Segundo os autores estudados, o preconceito contra homossexuais está cada vez mais sendo visto como algo errado. Sendo algo que teve origem na implantação do cristianismo, tendo vital função a igreja católica, precisou das lutas e manifestações de grupos sociais ativistas para que leis e normativas pudessem ser criadas e colocadas em prática.

Considera-se muito interessante os estudos de Scardua & Filho (2006), que notaram diferenças entre mulheres e homens homossexuais, bem como a maneira que lidam com a situação e suas perspectivas para o futuro.

Determinados ambientes, como a pesquisa em seminários de Pereira e cols. (2011), mostrou propício para o surgimento de comportamentos preconceituosos que não parecem estar sendo extintos ou tidos como errados de qualquer forma.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível concluir com a realização desse trabalho que o preconceito está presente em diversas formas, mas sempre para coibir a minoria social, como mulheres e homossexuais, que são os objetos estudados neste trabalho.

Dessa forma entende-se que as mulheres vêm passando por um longo período de luta por seus direitos, e apenas há algumas poucas décadas elas conseguiram esses direitos, e mesmo assim, ainda sofrem diferentes formas de preconceito por causa do seu gênero, o qual é um fato biológico, e não de escolha. Devido ao preconceito, a violência contra a mulher torna-se um agravante na sociedade, onde essas sofrem tanto violência física quanto psicológica, principalmente no trabalho, “apenas” por serem mulheres.

Entende-se, portanto, que o preconceito contra os homossexuais conta, principalmente com uma base religiosa que vê esta prática como pecaminosa ou nojenta, conforme citado no estudo nos seminários de Pereira (2012), a aproximação religiosa (principalmente quando relacionada com o cristianismo) aumenta as chances de expressão de preconceito contra homossexuais.

As diferenças entre homossexuais homens e mulheres só nos mostra o quão grande e diversificado é este “mundo”, e que a tolerância homossexual colocada por autores como Scardua & Filho (2006), Scorsolini-Comin & Santos (2012), tem ganhado campo graças a grupos ativistas e movimentos sociais que defendem indivíduos homossexuais. Além dessas questões, fica claro que a

decisão de revelar-se ou não como homossexual tem impacto na vida mental do sujeito, e que isso está envolvido com várias questões, sendo a sociedade talvez o mais decisivos deles.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDEIRA, Lourdes; BATISTA, Analía Soria. **Preconceito e discriminação como expressões de violência.** Revista Estudos Feministas, 10(1), 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11632.pdf>

SCORSOLINI-COMIN, Fabio. SANTOS, Manoel Antônio. **Insensatos Afetos: homossexualidade e homofobia na telenovela brasileira.** Barbarói, Santa Cruz do Sul, n.36, p 50-66, 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/barbaroi/n36/n36a04.pdf>

SILVA, Sergio Costa. **Preconceito e Discriminação: As Bases da Violência Contra a Mulher.** Psicol. cienc. prof. vol.30 no.3 Brasília, Setembro, 2010. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000300009

POESCHL, Gabrielle; VENÂNCIO, Joana; COSTA, Daniel. **Consequências da (não) revelação da homossexualidade e preconceito sexual: o ponto de vista das pessoas homossexuais.** Psicologia, vol. XXVI (1), p. 33-53 Edições Colibri, Lisboa 2012. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/pdf/psi/v26n1/v26n1a03.pdf>

SCARDUA, Anderson. FILHO, Edson A.S. **O debate sobre a homossexualidade mediado por representações sociais: perspectivas homossexuais e heterossexuais.** Psicologia: Reflexão e Crítica, 19(3), p. 482-490. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2006 Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/%0D/prc/v19n3/a17v19n3.pdf>

PEREIRA, Cícero R. e cols. **Preconceito contra homossexuais e representações sociais da homossexualidade em seminaristas católicos e evangélicos.** Psicologia: Teoria e Pesquisa Vol. 27, n. 1, p. 73-82 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v27n1/a10v27n1>

LACERDA, Marcos e cols. **Um estudo sobre as formas de preconceito contra Homossexuais na Perspectiva das representações sociais.** Psicologia: Reflexão e Crítica, 15(1), p. 165-178. 2002 Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/%0D/prc/v15n1/a18v15n1.pdf>